

O OUTRO LADO DO SER

Ilirian Guaraciaba
edição especial

Curitiba — Aos 12 anos de idade, Samuel submeteu-se a uma mastectomia. Tirou os seios. Vestiu-se de homem. Rasgou os documentos com seu nome de mulher. E saiu de casa, onde vivia preso num quarto, com vergonha do mundo e da família. Hoje, aos 35 anos, com cicatrizes profundas no peito e na alma, Samuel está finalmente se encontrando.

Samuel não pronuncia seu antigo nome. Primeira mulher de que se tem registro no Brasil a ser submetida à cirurgia transexual — ou redesignação sexual —, Samuel está assumindo fisicamente o sexo masculino. De um retalho de seu abdome, ganhou um pênis. “Vou urinar em pé. Serei um homem completo”, diz, ainda internado, em processo de recuperação.

A cirurgia de Samuel foi um sucesso. Faltam as próteses peniana, que permite ereção e penetração, e do saco escrotal, para ficar perfeito. Até agora, foram seis procedimentos longos e dolorosos. “Eu queria tudo de novo”, jura.

A grande novidade em Curitiba é o avanço da medicina. Não há castração, implantes ou enxertos. O cirurgião plástico Pécio Ferreira Filho, 33 anos, trouxe a técnica do Instituto Nacional do Câncer, no Rio, onde estudou por quatro anos. “Lá aprendi a fazer cirurgias reparadoras, caso dos transexuais”.

A história de Samuel contamina seus iguais. Francisco, 37 anos, e Sullivan, 32, serão os próximos a receber o pênis. Num programa totalmente gratuito — envolvendo uma universidade, hospitais conveniados com o Sistema Único de Saúde e profissionais generosos — foram operados, este ano, em Curitiba, quatro homens e uma mulher.

Há fila de espera de 30 pacientes masculinos e femininos. A maioria é de homens. Um deles virou Edna, nissei de 1m90, magra, corpo e rosto de modelo. Felicíssima com o marido, pensa em adotar filhos. Outra é Antonia. “Senti dores de ouvido piores que as da operação”, diz, entusiasmada. As estatísticas são imprecisas, mas o Conselho Federal de Medicina (CFM) calcula um transexual para grupos de 20 mil homens e 100 mil mulheres.

REPULSA À GENITÁLIA

As cirurgias em homens (neocolovaginoplastia) são mais comuns no país, mas aí também inova-se em Curitiba: testa-se uma fórmula, com a pele do próprio pênis, para que a nova mulher tenha sensibilidade e funcionalidade similares à lubrificação vaginal.

O projeto começou na Clínica de Sexologia da Universidade Tuiuti, de Curitiba, dirigida pela psicóloga e sexóloga Regina Teixeira, 40 anos. Regina

atendeu, há alguns anos, transexuais — que nada têm a ver com hermafroditas, muito menos travestis. E o que é um transexual? “Sua identidade sexual é oposta ao do sexo biológico e tem repulsa permanente à própria genitália”, explica a sexóloga.

Os casos surgidos em Curitiba repetiram-se até que o Conselho Federal de Medicina, em maio de 1997, permitiu a cirurgia para mudança de sexo, antes expressamente proibida no Brasil. A resolução do CFM levou em conta extenso estudo do médico Jalma Jurado, da Universidade de São Paulo, autoridade brasileira no assunto. Cirurgião plástico, Jalma envolveu-se no projeto paranaense.

DOR E SEGREDO

Samuel é loiro, cabelos curtos, gordinho, barba grande, resultado de doses cavalares de hormônio ingerido desde a adolescência. Depois da cirurgia, perdeu a timidez. Gosta de expor a novidade às enfermeiras. Francisco, que se prepara para iniciar os procedimentos médicos, nunca tomou remédios, tem a pele do rosto lisa, mas o corpo é absolutamente masculino.

Casado com Vida, Francisco namorou por seis meses sem que a mulher percebesse sua identidade sexual. “Eu faço um pênis de camisinha com fralda enrolada, dá volume”, diz, constrangido. Cabeça baixa, apertando o cigarro entre os dedos, Vida lembra os primeiros meses de relacionamento, quando ainda não haviam tido relações sexuais: “Estava tão apaixonada que não me importei”.

Casados há 12 anos, Vida e Francisco guardam o segredo entre quatro paredes. Só o irmão de Francisco sabe. “É doloroso, não tenho liberdade na minha casa, não posso andar sem camisa”, lamenta Francisco. Os filhos e os netos de Vida, a vizinhança e os patrões não desconfiam. Com cursos de enfermagem e informática, Francisco é barman. “Único emprego que não exigiram exames médicos”. Vida é doméstica. Ganham, juntos, R\$ 240. A pobreza, aliás, é traço comum entre os transexuais.

A primeira pessoa a saber da história de Francisco foi a psicóloga Regina Teixeira. Na casa pobre, de fundo, na periferia de Curitiba, Francisco descobriu pela televisão, por acaso, o programa da Clínica de Sexologia. “Sabia que Deus não ia me abandonar. Ele me fez assim”, acredita. Em dois dias, estava fazendo seu primeiro contato.

Para realizar o sonho da cirurgia, o transexual submete-se a tratamento médico e psicológico de dois anos, no mínimo. Deve apresentar intenso desconforto com o sexo anatômico, desejo de eliminar os genitais, perder as características do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto e não pode sofrer de transtorno mental. A seleção dos pacientes deve ser a mais rigorosa possível. As regras são do Conselho Federal de Medicina.

Luiz Tajés



Pécio Filho, cirurgião e Regina Teixeira, psicóloga

COMO É

NEOVAGINOPLASTIA

(em homens)

■ O pênis é recortado em diagonal, aberto, e dele é retirado o músculo. A pele serve para formar pequenos e grandes lábios da vagina.

NEOFALOPLASTIA

(em mulheres)

■ O primeiro passo é a mastectomia (retirada dos seios). O segundo é a histerectomia (retirada do útero e ovários). O terceiro é a fabricação do pênis, a partir de dois cortes verticais no abdome. A pele é descolada (não retirada) com uma camada de gordura e músculo, mantendo ligações com artérias e veias. Aquele retalho é fechado em forma de tubo. A posição é idêntica à do pênis. A pele é modelada, cortada, costurada e leva na ponta um pedaço da mucosa vaginal para que tenha sensibilidade. O passo seguinte — em outro procedimento — é a confecção da uretra distal que é unida à uretra original, para que ele possa urinar. A prótese servirá não apenas para ereção, mas para evitar atrofiamento. Nas últimas cirurgias são colocadas as próteses.

QUANTO CUSTA

Um tratamento particular fica em torno de R\$ 10 a 15 mil.

SERVIÇO

■ Clínica de Sexologia da Universidade de Tuiuti, Curitiba, Paraná - (41) 331-7838, e Clínica de Cirurgia Plástica Pécio Ferreira Filho, (41) 342-6970